

DIGA SIM NA TERRA DO NÃO: PERSPECTIVA DA ELEIÇÃO, MISSÃO E GRAÇA DE UM JESUS ETNOCÊNTRICO (Mt 15,21-28 e Mc 7,24-30)

Allan Erdy de Souza

*“Fala persuasiva, e mais convincentes gemidos,
Silêncio que falava, eloqüência dos sentidos”.*
Homero (livro XIV, 1.251)

Introdução

Jesus veio trazer vida plena, salvar o ser humano e libertá-lo do mal e de todas as suas conseqüências, instaurando assim o Reino de Deus. Contudo, num texto em Marcos e em seu paralelo em Mateus, encontramos Jesus, de certa forma, negando ajuda a uma mulher desesperada! O que será que aconteceu para que Jesus negasse ajuda a quem precisava? Como será que reagiríamos, hoje, diante de respostas negativas e evasivas de Jesus?

Para tentar responder a essas e outras perguntas, propomos este texto da mulher siro-fenícia, que objetiva se indignar com algumas reações humanas sobre as respostas estranhas relacionadas à prática religiosa de Jesus e sugerimos a confiança/fé e a esperança/não-desistência para obter um “Sim”, diante dos problemas e negativas do cotidiano.

Diante disso, uma das piores coisas que enfrentamos em nosso cotidiano é ouvir uma resposta negativa a qualquer gesto, atitude e palavras que fazemos, pois queremos sempre ser aceitos no grupo, na reunião, nas escolhas, nas brincadeiras, na comunidade, na escola, na igreja, nos cultos e nas missas... Sempre à espera de uma inclusão, ou seja, estamos na expectativa e esperança de ouvir um sim, no momento em que mais precisamos. É diante desse contexto, que encontramos a história narrada na Bíblia em Mt 15,21-28 e Mc 7,24-30.

Como não poderia deixar de ser, Jesus é sempre o centro de nossas histórias cristãs! Entretanto, como numa cena de novela, uma atriz coadjuvante – mulher e estrangeira – roubou a cena do ator principal – Jesus: o *rabi Galileu* (Mt 26,25. 49; Mc 9,5; 11,21; Jo 1,38). A partir daí começa a saga do “Sim” na terra do não, a partir da eleição, missão e graça de um Jesus etnocêntrico.

1. Para iniciar a conversa...

Olhando para o texto de Mc 7,24-30, percebemos que ele é mais antigo, por isso, encontramos um diálogo expressivo, curto e grosso. Enquanto que em Mt 15,21-28, que se baseia nessa narrativa de Mc, o diálogo é mais longo, intenso, comovente e dramático! Porque cria um suspense que realça a grandeza do ato de Jesus.

No desenvolvimento do texto, percebe-se que Mc foi escrito primeiramente aos “cristãos” gentios, que tinham muito em comum com a mulher “estrangeira”. Para os cristãos gentios, Jesus trabalhou primeiro para os judeus. Nesse caso, Mt, ao seguir a seqüência de Mc, acrescenta possivelmente outra fonte, pois a história se estende e se dramatiza, pois o público havia mudado de cristãos gentios para cristãos judeus.

Por entender que o texto de Mt é mais enfático, porque amplia a discriminação étnica, de gênero e cultural, será também mais privilegiado em nossa análise.

1.1. Estruturando o texto

A estrutura do livro de Mt apresenta uma *missão*, pregar a salvação através de Jesus (Mt 1,21) à casa de Israel (Mt 2,6; 10,5-6). Entretanto, a casa de Israel dava sinais de que não aceitaria essa pregação (Mt 9,10-13), pois se considerava um povo *eleito*, detentores da *graça* de Deus.

Observemos a estrutura quiástica de Elaine M. Wainwright¹. Ela apresenta histórias duplas, mostrando a centralidade na história da mulher cananéia no livro de Mateus:

- A a cura dos cegos – Mt 9,27-31
- B o sinal de Jonas – Mt 12,38-42
- C a multiplicação dos pães – Mt 14,13-21
- D a mulher cananéia – Mt 15,21.28
- C1 a multiplicação dos pães – Mt 15,30-38
- B1 o sinal de Jonas – Mt 16,1-4
- A1 a cura dos cegos – Mt 20,29-34

Assim, em Mt 9,27, a expressão *Filho de Davi* abre o quiasmo acima e, em Mt 20,30.31, a mesma expressão o fecha.

Isso aponta para uma abertura aos não-judeus, possibilitando que a fé destes não-judeus seja movida pela fé dos judeus, não importando sua origem étnica. Isso, de certa forma, confirma nossa proposta, ou seja, de que houve mudança no propósito de Mt, em relação à mensagem de Jesus, antes aos judeus, agora, também aos gentios.

1. Em RICHTER REIMER, Ivoni. “Não temais... Ide ver... e anunciai!” Mulheres no Evangelho de Mateus. Em: *RIBLA*. Petrópolis-São Leopoldo: Vozes-Sinodal, n. 27, 1997/2, p. 154.

Esse sinal de abertura é observado em dois momentos no livro de Mateus. O primeiro é em Mt 8,5-13, sobre a fé do centurião romano e, o segundo, é em relação à fé da mulher cananéia em Mt 15,21-28, foco de nossa análise.

Além disso, em Mt, tem-se a idéia de ação, movimento, transição. Em Mc, a idéia é de não fixidez. Em Mt, Jesus “vai”, “vem”, “é enviado”, é dinâmico e ativo. Enquanto que em Mc Jesus “está na casa”, “parado”, “não transita”, é estático.

Compare a seqüência argumentativa dos textos de Mc 7,24-30 e Mt 15,21-28, abaixo:

Marcos 7,24-30	Mateus 15,21-28
v.24 – a mulher entra na casa de outros	v.21 – <i>abre a narrativa</i>
v.25 – pedido da mulher	v.22 – mulher clama
v.26 – os problemas étnicos e espirituais são apresentados	v.23 – Jesus nega ajuda e incompreensão dos discípulos
v.27 – <i>Negativa de Jesus</i>	v.24 – Jesus nega ajuda
v.28 – insistência à solução dos problemas étnicos e espirituais	v.25 – <i>A mulher o adora e pede socorro</i>
v.29 – Jesus atende	v.26 – Jesus nega ajuda
v.30 – mulher volta para sua própria casa	v.27 – Mulher insiste na resposta
	v.28 – Jesus atende
	v.29 – <i>abre outra narrativa</i>

Analisando o quadro acima, percebe-se que em Mc o diálogo tem seus argumentos paralelos, que caminha para um centro: v. 27 – *Negativa de Jesus*, característico do pensamento helênico. Todavia, em Mt é uma espécie de jogo de pergunta-resposta, típica do esquema argumentativo semítico, tendo sua centralidade na atividade da mulher: *pedindo socorro e o adorando* – v.25.

Lembremos que o cenário do encontro de Jesus com a mulher estrangeira surge após uma questão de “pureza e impureza” (Mt 15,1-20; Mc 7,1-23), onde os descendentes piedosos de Abraão agradeciam diariamente a Deus por não terem nascido gentios e/ou impuros (cf. Lc 18,9-14), conservando os costumes e tradições dos antigos (cf. Mc 7,3-5; Mt 15,1-2).

1.2. Aplicando uma teoria

Caminhamos agora, para entender o argumento de Mt 15,21-28. Percebemos que o texto apresenta três negativas. A primeira é o silêncio de Jesus diante do pedido de ajuda por parte de uma mulher estrangeira (Mt 15,23); a segunda negativa é uma resposta indireta, pois Jesus responde aos discípulos que foi enviado para os da casa de Israel (Mt 15,24), insinuando uma exclusividade salvífica somente aos judeus. A terceira negativa é bem clara e humilhante, embora alguns comentaristas tentem amenizar o termo *cachorrinho* (Mt 15,26; Mc 7,27). Contudo, o texto iguala a mulher a um cão, não a um filho. Entendemos aqui como um termo diminutivo e preconceituoso usado por Jesus, pois os gentios eram considerados “cães” pelos judeus. Acentuando uma imagem cruel e humilhante usada em quase todas as culturas do Oriente Médio.

Percebemos que houve uma característica etnocêntrica de Jesus, enquanto ser encarnado na terra. Pois, não podemos descartar a cultura em que Jesus estava inserido.

Por isso, uma sugestão de instrumento de análise teórica é a História Antropológica, pois enfoca a cultura, nos seus sentidos antropológicos, ou seja, privilegia os problemas relativos à “alteridade” e se aproxima também da Etno-História.

Assim, a partir dos textos de Mt e Mc, procuraremos recuperar a vida comunitária através das narrativas e práticas religiosas, cujos objetivos antropológicos afloram no discurso de poder psicológico entre aqueles que podem ajudar (Jesus e os discípulos) e aquela que pede ajuda (mulher, estrangeira e que tem uma filha possessa), bem como em relação ao público a quem se dirigem os textos, ou seja, aos eleitos da casa de Israel e/ou aos gentios “não eleitos” e sem a graça de Deus.

Através dessa análise foi possível extrair do texto uma história das práticas religiosas, que apresenta reações de conflitos, gerando indignação de alguns e alegria de outros.

1.3. As (re)ações

Sabe-se que os não-judeus fizeram parte da vida na Galiléia e Judéia. No fim do século I dC a cultura, a língua e as convenções helenísticas, já faziam parte da vida Palestina. Isso indica que os galileus sofriam influências a todo instante da cultura grega, seguida pela dominação romana, que estava muitas vezes atrelada ao comércio, gerando, como conseqüência, o caráter híbrido e conflitivo da cultura da Galiléia.

Por isso, não era de se estranhar que um galileu não atendesse uma pessoa cananéia, porque os galileus eram muito exigentes com suas práticas religiosas, inclusive Jesus, por viver na Galiléia e ter boa parte de seu ministério desenvolvido nessa região. Mesmo os galileus, apresentando características diferentes de outras regiões, principalmente da Judéia, porque as tradições e costumes nasciam da mesma herança israelita, ou seja, das “leis dos judeus”, que defendiam a Israel das incursões pagãs, pois era o mesmo que servir a Deus diretamente.

Além disso, a região de Tiro e Sidônia, situado na costa da Fenícia, território pertencente à Síria, eram consideradas cidades pagãs e gentílicas pelos judeus, mesmo tendo muitos moradores judeus, e onde as obras messiânicas não estavam destinadas a serem realizadas. Todavia, o povo de Tiro, em geral, também não era amistoso para com os judeus.

2. Olhando mais de perto... para o (com)texto...

Todas as sociedades de todos os tempos tiveram e ainda têm seus excluídos! As causas da exclusão são diversas e variam conforme determinada cultura, tais como ideologias, etnias, nacionalismos, religiões, pois todas elas têm uma visão distorcida da pessoa humana e de sua dignidade, e uma falta de justiça, de amor e solidariedade.

Nesse caso, as doenças, os defeitos físicos, tudo que se relaciona com a vida sexual, com o sangue e com a morte, contaminam as pessoas. Essa era a visão da popula-

ção do Antigo Oriente. Nesse caso, quando os judeus se contaminavam, mesmo sem culpa, eles entravam na área das potências maléficas, dos espíritos imundos e, sendo assim, não poderiam entrar em contato com Deus Santo. Daí não haver muita diferença entre pecador, doente ou endemoninhado. Todos os impuros eram excluídos sem misericórdia do culto e da convivência na sociedade.

Como a impureza os afastava de Deus Santo e fonte de santidade e aproximava do demônio, fonte de impureza, a forma extrema de impureza acontecia quando uma pessoa era possuída pelos espíritos imundos ou demônios, a ponto de perder completamente o domínio de si. *Era o mais excluído de todos os excluídos!* Por isso que a cura tinha várias dimensões, porque inseria a pessoa novamente no convívio social, econômico, cultural, religioso, etc.

2.1. Olhando para a terra dos “nãos”

Quando se julga alguém, mesmo que a pessoa não fique sabendo, mesmo escondendo no fundo do coração, mesmo que se tenha pouca ou nenhuma consciência do fato, cria-se entre quem julga e quem é julgado um abismo de falta de franqueza, impossibilitando de trazer uma ajuda eficaz à pessoa julgada. Assim, pelo julgamento que se faz, aprisiona-a em suas faltas, em vez de libertá-la delas.

Se aplicarmos essa questão às narrativas de Mt e Mc, encontraremos esse sentimento em Jesus em relação à mulher, pois nas duas narrativas ela vem pedindo ajuda. Mas era estrangeira e mulher, dois elementos que para os judeus eram suficientes para os contaminarem e os tornarem impuros. Havia, porém, um terceiro elemento de impureza: ela tinha uma filha possessa. Todos os fatores culturais e religiosos contribuíam para que a mulher não recebesse ajuda.

Do ponto de vista étnico-cultural, os siro-fenícios descendiam dos cananeus. De fato, em Mt 15,22 a mulher é classificada como cananéia. Sidônia, ao lado de Tiro, tinha a fama de ser considerada cidade de vícios e impiedades. De lá que provinha a rainha ímpia, Jezabel, que se tornou esposa do rei Acab e que tantos males causou ao povo de Israel (cf. 1Rs 21). Mas em Mt 11,20-24 e Lc 10,13-16 se prevê a possibilidade de salvação para Tiro e Sidônia, que estariam mais abertas à conversão do que Corozaim, Betsaida e Cafarnaum.

2.1.1. O contexto negativo de Marcos

Em Mc 7,24-26 vemos uma mulher siro-fenícia de nascimento e grega. Culturalmente falando, não tinha o direito às promessas que Deus fizera a Israel. Pesavam sobre ela três problemas graves: 1º) não era israelita, 2º) os rabinos consideravam a mulher impura e submissa; 3º) junta-se aos dois primeiros problemas, ou seja, a situação da possessão de sua filha, tornando desqualificado o seu pedido em favor da filha, outra mulher e impura. Essa idéia aparece nas tradições e leis judaicas, onde o contato com os gentios era tão contaminador como qualquer outra “impureza” adquirida no mercado.

Diante disso, o texto é impactante em Mc 7,25, onde apresenta a palavra *prostrar*, implicando em um ato de homenagem por meio de inclinação ante a pessoa, e também indicando alguém que pede ajuda a outra pessoa superior a ela. Sabemos que se criou um ambiente, onde a mulher se sentiu inferiorizada. Entretanto, ela rompe com os paradigmas culturais e pede ajuda, enfrentando a vergonha, o medo e a humilhação. Além disso, Mc 7,26 reforça que ela era uma mulher *grega* de origem *siro-fenícia* e em Mt 15,22 diz somente que era mulher *cananéia*, mas que caracteriza sua marca de estrangeira e que está fora da ação do Deus de Israel.

Em Mc 7,27 Jesus conta uma parábola, diante da insistência de uma mãe desesperada! Todavia, a mulher entende a parábola e dá sua versão. Reconhece a primazia de Israel, mas crê que a concessão ao seu pedido não privará os filhos de comerem o que quiserem, pois é evidente que uma família não deixará de alimentar seus próprios filhos para alimentar os animais de estimação.

Por isso, a mulher se agarrou esperançosa a expressão “cachorrinho”, a fim de argumentar que até os gentios esperavam uma migalha da graça de Deus. Sua fé concebeu que a libertação de sua filha seria, para Jesus, o equivalente a migalhas (Lc 16,21). Ou seja, ela se satisfaria com as “migalhas” daquilo que fora destinado aos da casa de Israel, porque a graça de Deus é mais do que suficiente para atender as suas necessidades. Então, apenas uma “migalha” de Jesus traria libertação e cura.

Mas os problemas ainda não acabaram..., pois a mulher passa por outra prova de fé em Mc 7,29, porque Jesus disse que a filha dela estava livre do demônio. Imagine a cena: uma pessoa que poderia curar sua filha, mas recusa-se a isso. No entanto, ao final diz que a filha estava livre, sem ter ido ao menos vê-la ou tocá-la. Será que acreditaremos nessa palavra de Jesus? A mulher, porém, acreditou na palavra de Jesus, sem qualquer evidência externa, apoiando-se tão-somente na “palavra” daquele homem, que momentos antes nem queria recebê-la ou ouvir o que tinha a dizer. De fato, pela “fé” nas palavras dele, ao chegar a sua casa, encontrou sua filha livre do demônio!

2.1.2. O contexto negativo desenvolvido em Mateus

Em Mt 15,22 inicia a perícopé com a mulher *gritando*, fazendo escândalo em público, causando constrangimento, pois precisava “visceralmente” da ajuda de Jesus. Ela clama por *misericórdia*, pois sua filha está *severamente possuída por um demônio*. Jesus curou tantos, por que não curaria a filha da mulher cananéia?

Além disso, encontramos em Mt 15,22, aclamações com títulos: como grito de socorro, pois Jesus é aclamado como *Filho de Davi* e como *Senhor*. Entendemos que num pedido alguém se dirige a outra pessoa mais poderosa, a qual pode atender ou recusar tal pedido. Por isso, nesse pedido de milagre em Mt (também em Mc), a questão não é o poder de Jesus para fazer milagres, mas sim, a maneira como o pedido se dirige a Jesus, reconhecendo-o como *Senhor*.

A palavra *Senhor* é encontrada em vários textos de Mt, principalmente em Mt 15,22.25 e 27, expressando seu poder, mas só aparece nessa forma uma única vez, em Mc 7,28, pois teria menos significado para uma audiência gentílica do que para leito-

res judeus. Contudo, em Mt essa declaração é expandida, pois é associada à expressão “Filho de Davi”, dando um sentido messiânico à expressão.

A aparição da expressão “Filho de Davi” nos lábios de uma mulher estrangeira, poderia ser uma indicação de Mt, no sentido de dizer aos judeus, que os gentios também acreditavam na promessa messiânica de Israel. Então, Mt coloca a mulher cananéia como: ou uma mulher convertida à religião judaica, ou como uma pessoa que ouvira falar de Jesus e, conseqüentemente, de suas curas. Isso é possível a partir do texto de Lc 6,17, onde indica que aquelas pessoas conheciam e ouviram dele, pessoalmente.

Quando a mulher chama Jesus de *Senhor e Filho de Davi*, sendo que este último título tem o sentido especial para Mateus, demonstra a disposição que ela tem de participar da esperança, das tradições e das lendas de Israel.

Tem-se então que a expressão *sim Senhor* em Mt 15,27 pode ter significado apenas uma forma de tratamento cerimoniosa, mas para os cristãos significava mais, porque expressava a confissão cristã básica de Jesus como Senhor!

2.1.3. Etnologia em Mateus e Marcos

Mateus ao caracterizar a expansão da salvação dos da casa de Israel – que rejeitaram a mensagem de salvação de Jesus – àqueles que a aceitaram (Mt 19,28). Possibilita assim entender que a salvação independe da *etnia* do destinatário do evangelho (Mt 12,21; 25,32; 28,19), mas é condicionada aos que têm *fé* (Mt 8,10; 15,28). No entanto, mesmo que Israel rejeitasse Jesus, ele, Jesus, não os rejeitou (Mt 23,37-39).

Assim, percebemos que as pessoas que procuravam Jesus vinham buscar ajuda, porque criam/tinham fé que ele poderia ajudar! Porém, essa certeza não é mera fé supersticiosa em milagres, pois envolvia uma tomada de posição para a missão e a pessoa de Jesus.

Em Mc há o uso de duas palavras para designar *região*: a) “*oria*” (Mc 7,24) e “*genei*” (Mc 7,26). A primeira, no sentido de *lugar*, a segunda, no sentido de *etnia*, genealogia, linhagem. Mt acompanha a seqüência de Mc usando as palavras: a) “*mere*” (Mt 15,21) e “*orion*” (Mt 15,22). Contudo, as duas indicam *lugares*. Isso configura que a fé é mais importante do que lugar ou etnia das pessoas.

Em Mc a salvação chega até os gentios, pois o objetivo do texto está direcionado para esse grupo de pessoas. No entanto, em Mt, o objetivo do texto é para os da casa de Israel. Mas como eles não aceitaram, então se transferiu para todas as pessoas, ou seja, também aos gentios. Isto porque os judeus se consideravam um povo eleito por Deus, por isso não precisariam de Jesus para a sua salvação.

Isso é nítido em Mt 15,24 onde “Jesus foi enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel”, significando dizer que Jesus limitou sua missão a Israel para o tempo de sua existência terrestre.

Assim, no texto de Mt, o argumento usado pela mulher é mais dramático e desesperador, porque a ênfase é para convencer os judeus de que se eles não quisessem receber a mensagem, os outros queriam. Enquanto que em Mc, o argumento já inclui-

ra a todos na mensagem, judeus e gentios. Fica claro que os objetivos de Mt e Mc são diferentes.

Podemos pensar também em um paralelo entre o texto da LXX, em Gn 32,23-33, onde Jacó luta com o anjo de Deus para ser abençoado e seu nome é transformado em Israel, que significa “ele contende com Deus”, derivado da raiz “sara” que significa “contender” ou “ter poder”.

Em Mt 15,24 a palavra *Israel* parece significar contenda entre o Deus da casa de Israel contra uma divindade de Tiro e Sidônia, ou contra a divindade da mulher cananéia. Isto porque Mc 7,26, ao destacar que é uma mulher *grega*, poderia se referir a sua religião.

2.2. Ele diz “sim”: a reviravolta!

Vendo a mulher fazendo o maior escândalo, entram em cena os discípulos, que a consideravam uma mulher “barraqueira”. Vendo e ouvindo o escândalo daquela mãe, pedem a Jesus que a *despeça* no sentido de resolver o problema dela, *porque ela vem gritando atrás de nós* (Mt 15,23). Contudo, Jesus é e faz a diferença. Ele compreende que aquela mãe buscava ajuda para sua filha e a atende.

Todavia, até Jesus entender e atender ao pedido dessa mãe, imaginemos o sentimento de frustração, causada pelo obstáculo do problema social, da censura social, a partir de evasivas e respostas negativas dele, encontradas em ambas as perícopes. Mas, quando percebeu a fé que motivava aquela mãe, Jesus mudou de idéia!

Aí está o grande exemplo de Jesus, e que algumas pessoas não entendem e ficam indignadas. Ele relutou, porque dentro de seu contexto cultural a prática religiosa de ajudar uma mulher estrangeira era complicada, estranha e impura ao mesmo tempo, até mesmo para o próprio Jesus. Mas reconheceu seu etnocentrismo, mudou de atitude diante de uma mulher que lutou para alcançar a graça.

A mãe desesperada teve esperança e acreditou em Jesus! É interessante que o texto não apresenta, como hoje, a fé fácil e descompromissada que vemos na mídia, mas uma fé ativa, representativa e compromissada, onde a pessoa luta para conseguir sua graça. A esperança de ouvir um sim, diante de tantos *nãos*, aconteceu! Como no sentimento popular: tudo que é conquistado é mais valorizado do que aquilo que é ganho, pois é pela conquista que se percebe o valor de algo.

A graça conquistada é para os humildes, e não para os auto-suficientes. Assim, um fracasso tornou-se oportunidade de reviravolta sobre si mesmo e de um encontro com a esperança de cura da filha. A mãe encontrou no fracasso a oportunidade de não desistir diante de tantas negativas, pois ela sabia que alguém estava precisando dela! O sentimento de inferioridade agiu como a principal fonte de força motriz e contribuiu para o bem-estar de outras pessoas, deixando de ser destrutivo ou anti-social.

Além do mais, a mulher não se deteve em argumentar que os seus direitos eram tão bons como os de qualquer outra pessoa. Não questiona se o judeu é melhor, ou se o gentio tem o mesmo direito do judeu; não discute a justiça dos misteriosos meios pelos quais Deus executa o seu propósito divino, escolhendo uma etnia e rejeitando outra.

Ela pede socorro àquele que poderia ajudá-la: o Senhor, Filho de Davi, do qual obtém, pela sua esperança e sua fé, a graça merecida.

Ela aceita a recusa momentânea de Jesus, mas ao mesmo tempo vence-o pela absoluta confiança (Mc 7,28). Ela respondeu: “É verdade, senhor, mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas das crianças”.

A mulher usa o argumento de Mc 7,29 contra Jesus e ganha a disputa, porque Jesus liberta sua filha do demônio. Temos aqui é um dos poucos diálogos de controvérsia onde Jesus não tem a última palavra.

Assim, Jesus nos deu um exemplo de como vencer o preconceito, o etnocentrismo e o tabu. Ou seja, através do poder dos milagres ele rompeu com os limites nacionais ao curar a filha de uma mulher estrangeira. Possivelmente, ele conversou em grego com a mulher, demonstrando que a base para ser aceita por Deus não era uma questão de antecedentes étnicos, mas sim de um relacionamento com a própria pessoa de Jesus.

Algumas perspectivas (in)conclusivas

Um fator importante a ser considerado é que Jesus quebrou seu silêncio, abrindo-se a um diálogo profundo com a mulher. Ele ampliou sua missão. Enquanto seus discípulos queriam que a dispensasse logo! Sendo assim, Jesus vai se superando, modificando sua concepção no transcurso do diálogo, em resposta à iniciativa ousada e persistente da mulher. Então, ele se converte, reconhecendo a iniciativa, fé e perseverança da mulher, em contraste com a atitude pouco piedosa dos discípulos, e de sua própria autoconsciência, ao ter dado respostas evasivas às perguntas diretas da mulher.

Essa foi a diferença: Jesus reconheceu o problema enquanto os discípulos ainda não compreendiam. A mulher compreendeu a situação de Jesus, mas não desistiu nem parou diante do problema. Ao contrário, recriou a situação e pôde ouvir do Senhor: “Mulher, grande é tua fé!” Isso novamente contrasta com o que dizia aos discípulos: “Homens de pouca/pequena fé” (Mt 8,26; 14,31 etc.). Assim, a mulher cananéia torna-se a protagonista da fé que agrada a Jesus!

A fé da mulher cananéia abriu os horizontes de um Jesus etnocêntrico, possibilitando que a missão de salvação se estendesse a todos, mediante a graça divina.

Lembremos que Jesus veio para salvação dos pecados de *seu* povo (Mt 1,21). Mas logo o livro de Mateus corrige o propósito de sua missão, onde o transforma em *Emanuel*, “Deus conosco” (Mt 1,23). Isto é, um Deus que está presente em todas as horas. Mas é preciso comprometer-se com ele, aceitando-o, pela fé, como fez a mulher cananéia, porque ele veio trazer o Reino de Deus a todos através do arrependimento e da fé nas boas-novas (Mc 1,15).

Allan Erdy de Souza.

Rua Laurindo Filho 722, bl. 02/201

21370-260 Rio de Janeiro, RJ

e-mail: erdylysa@yahoo.com.br, sanderdy@ig.com.br e erdysaa@gmail.com

Bibliografia consultada

ALLEN, Clifton J. *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. Vol. 8.

BARROS, José D' Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.

DANA, H.E. *O mundo do Novo Testamento*. Um estudo do ambiente histórico e cultural do Novo Testamento. Rio de Janeiro: JUERP, 1977.

HORSLEY, Richard A. *Arqueologia, História e sociedade na Galiléia: o contexto social de Jesus e dos Rabis*. São Paulo: Paulus, 2000.

HURTADO, Larray W. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo – Marcos*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1977.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. História, cultura e religião no período helenístico. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2005.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Exodus, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MAY, Rollo. *A arte do aconselhamento psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1976.

MULLHOLLAND, Dewey M. *Marcos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1978.

OVERMAN, J. Andrew. *Igreja e comunidade em crise: o Evangelho Segundo Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1999.

RICHARDSON, Don. *O fator Melquisedeque: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RICHTER REIMER, Ivoni. “Não temais... Ide ver... e anunciai”. Mulheres no Evangelho de Mateus. Em: *RIBLA*. Petrópolis-São Leopoldo: Vozes-Sinodal, n. 27 – 1997/2, p. 149-166.

SCHREINER, J.; DAUTZENGERG, G. *Forma e exigências do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.

TASKER, R.V.G. *Mateus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça: uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho*. São Paulo: ABU, 1985.

VENDRAME, Calisto. *A cura dos doentes na Bíblia*. São Paulo: Centro Universitário São Camilo/Loyola, 2001.